

desplazado al padre dentro de los pliegues de esa cama matrimonial deshecha. Una cama que el niño ciego espía y que el escritor vidente tendrá que volver a tender.

Como el cuadro, este cuadro doble que estaba en Estados Unidos pero que también está Buenos Aires, y que quedó sin terminar en alguna de las dos versiones, todos los personajes de esta novela tienen en común, en común olvido, una vida doble sin terminar. “Yo no sé qué es repetición y qué es novedad” insiste Daniel que hasta se vuelve a fracturar dos veces en el mismo lugar en un accidente de auto idéntico al que ya había tenido en la infancia. Igual y distinto, todo deviniendo otra cosa porque como dice Daniel en relación a su propia identidad sexual y a la de su primo: “lo que no se me ocurre pensar sino al rato es que a mí también se me debe notar, como yo pensaba que se le no-

taba a Peter (...) en estas dudas, en estos reconocimientos fugaces, se nos va la vida”. En esas dudas, en esos reconocimientos fugaces se va yendo también la novela. El secreto, el de las identidades sexuales, se va develando como un pentimento donde se fusionan ambos cuadros para dejar aparecer un único original. El original de esta novela que cierra cuando el narrador, ahora dueño del secreto, puede aceptar los huecos. Como le había sugerido Simón, desde su amoroso lugar de testigo, “esa es la memoria que no te enseña nada, mi querido, porque para entender tienes que aceptar los huecos, incluso provocarlos, tienes que aprender a olvidar” Y es ese aprendizaje literario, digamos, el del oficio de escribir, el que permite que *El común olvido* transcurra como una intriga succulenta. Daniel puede, por ejemplo, perder el pasaporte argentino y reemplazarlo por el norteamericano y

hasta puede, en el vértigo de entrecruzamientos amnésicos, perder las cenizas de la madre y reemplazarlas por las de la tía Ana. Sylvia Molloy también, después de este nuevo libro, después de veinte años de anotaciones que amigán magistralmente vida y literatura, patria y exilio, puede darse el lujo de perderse en la más absoluta desmemoria. No necesita inventar nada nuevo. Esta novela la confirma como una escritora grande, una de esas que pueden decirlo todo sobre la madre porque todavía les queda todo por decir.



Tamara Kamenszain es poeta. Autora de *El ghetto* (2003), *Tango Bar* (1998), *De este lado del Mediterráneo* (1973).

*Este texto fue leído en la presentación del libro El común olvido en el Instituto de Cultura Iberoamericana, en Buenos Aires.*

## Amizade modernista

*Eneida Maria de Souza*

ANDRADE, Carlos Drummond de, ANDRADE, Mário de. *Carlos & Mário – correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 614 p.

A biografia literária, vista como uma das vertentes da crítica atual, recebe maior impulso com a publicação, no Brasil, da correspondência de escritores modernistas, incentivada por Mário de Andrade, um de seus maiores representantes. A separação operada pela crítica textual entre autor e obra, biografia e literatura, história e escrita considerava como critério valorativo a autonomia do texto frente ao contexto de sua produção, excluindo-se aí os documentos pessoais

do escritor, como a correspondência mantida com seus pares. No início da década de 1980, com a abertura política e a proliferação de uma escrita autobiográfica dos exilados, a crítica literária brasileira – tendo Silviano Santiago como um de seus titulares – se volta para o estudo do modernismo a partir dessa produção epistolar e dos livros de memórias. Configura-se, em definitivo, a aliança entre obra e autor, entre escrita e política, ampliando a posição do autor para o de in-

telectual, o que irá contribuir para o melhor entendimento da história literária no Brasil.

Passados mais de 50 anos da morte de Mário, o seu baú de cartas pôde ser aberto, propiciando ao leitor juntar as partes desse diálogo, iniciado com o modernismo. Carlos Drummond de Andrade é um dos mais notáveis parceiros dessa correspondência, tanto pelo lugar ocupado pelo poeta na literatura brasileira quanto pela sua imagem de intelectual, ao mesmo



tempo atuante e reservada, avessa à exposição pública, embora tenha servido como chefe de gabinete do ministro Capanema, no governo Vargas. A publicação recente dessas cartas vem romper o silêncio da voz de Drummond, saciando a curiosidade da crítica, além de oferecer ao público um rigoroso e excelente trabalho editorial.

A vida estampada nas cartas se revela de forma distinta para os interlocutores. Se em Mário prevalece a exuberância vital, unida à exuberância criativa, em Drummond, o “pouco de vida tímida e inconformada”, o menos que se traduz no mais de uma obra, reforça a idéia de ser a vida nada mais do que um segredo impenetrável. Mário, em carta datada de 1944, ao se mostrar insatisfeito com a decisão dos médicos em não operá-lo, define o seu estilo de vida com mais propensão para o gasto do que para a usura: “Eles partem do princípio profissional talvez lógico mas antimário de que viver é conservar a vida. Pra mim, viver é gastar a vida.”

O excesso, como assim o nomeia Silviano Santiago, à luz da teorização de Bataille, seria o traço peculiar do escritor, que se “comunica com o interlocutor pelo desperdício do que lhe sobra”. Essa exuberância se contrapõe ao comportamento retraído do poeta mineiro, contrário à exposição subjetiva e autor de uma obra dotada de qualidades que tendem a apagar a pessoa e a se erigir de forma absoluta: “Me sinto capaz de viver. Não uma grande vida, nem uma vida cheia, mas o meu pouco de vida tímida e inconformada, com desejo de fazer alguma coisa que não sei o que seja, mas que seja bom para os outros, isso eu vivo”. (p. 523)

As confissões pessoais dessa correspondência não têm a função de revelar segredos escondidos ou de apontar desavenças e dissabores entre as personagens. Ao serem lidas no seu estatuto de texto, pertencem ao domínio da ficção, passíveis de interpretação ambivalente e contraditória.

Vozes dissonantes são colocadas em cena, por meio de um diálogo que aponta não só a troca de experiências entre os dois poetas – o jovem Drummond recebendo lições de poesia e de vida, discussões sobre nacionalismo e política, críticas à produção recente de cada um – mas o silêncio e o não-dito como marcas invisíveis de uma complexa relação de amizade.

Irregular, portanto, se expressa a correspondência, considerando-se diferente o caminho percorrido pelos amigos ao longo dos 20 anos de convivência epistolar. Não é difícil perceber que o distanciamento entre eles provoca outro diálogo entre as cartas, seja através de comentários de Drummond ou de Mário relativos ao tempo em que se comunicavam de modo mais contundente e vigoroso. Reconciliações e descompassos se alternam à medida que a conversa necessita de mais alimento para se sustentar. Em 1942, quando Mário publica as *Poesias*, o reencontro se manifesta através da palavra escrita, da literatura que remete a uma sensação antiga de camaradagem. Drummond revê o Mário das cartas: “(...) ao lado dos motivos grandes de satisfação poética, a mim oferecidos por seu livro, motivo de pura voluptuosidade de espírito, houve um que me tocou mais de perto, foi o de reencontrar nele o Mário dos anos 1920-30, o das cartas torrenciais, dos conselhos, das advertências sábias e afetuosas, indivíduo que tive a sorte de achar em momento de angustiada procura e formação intelectual. Ele está inteiro nas poesias. E como permaneceu grande depois desse tempo todo! Sei que compreenderá a minha emoção encontrando esse velho companheiro.” (p. 475)

A desilusão de Mário diante do próprio movimento modernista é ainda motivo para Drummond sentir a distância entre o atual e antigo companheiro, não mais o bravo defensor de uma bandeira artística, alguém que se notabilizou pela transformação da história da literatura brasileira. O bilhete endereçado a Mário pelo poeta,

ao receber o texto da conferência proferida no Itamaraty em 1942, sintetiza o seu desencanto: “Recebi o *Movimento modernista*. Obrigado, mas que melancolia!” (p. 478). O tempo das “grandes cartas paulistanas, escritas com amor e verdade implacável”, já se impõe como marca de um passado que os uniu e que muito concorreu para a legitimação de um movimento literário: “Eu era então um sujeito muito desgraçado, pelo menos me supunha tal, mas agora reconheço que tudo foi ótimo e valeu a pena. E em grande parte valeu por causa de você”. (p. 497)

*Carlos & Mário*, além de se impor como um dos documentos mais valiosos do modernismo brasileiro, oferece ao leitor um livro-objeto de luxo, contendo quase que toda a vida passada a limpo de uma geração. As notas explicativas, preciosas e fruto de uma cuidadosa pesquisa, tanto da parte de Drummond quanto de Silviano Santiago, integram-se necessariamente ao volume de forma equilibrada. Imagens de esquinas, de cidades históricas de Minas, de fragmentos de cartas manuscritas se mesclam às primeiras edições de livros e revistas da época. As reproduções ampliadas das fotos, dos desenhos, das caricaturas e dos retratos dos protagonistas os expõem, alternados, num álbum fotográfico modernista, a ser folheado ainda com certo toque de nostalgia. Mas os resíduos de uma modernidade em ebulição, de uma vida literária construída através de encontros e sonhos de mudança se perpetuam e se revitalizam neste desenho composto pelas cartas e suas notáveis personagens.



Eneida Maria de Souza é professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal de Minas Gerais